Revista Diversidade e Educação

EU LÉSBICA, TU LÉSBICA, NÓS LÉSBICAS. PROFESSORAS LÉSBICAS, PRESENTES!

SOY LESBIANA, TÚ ERES LESBIANA, SOMOS LESBIANAS. PROFESORAS LESBIANAS, PRESENTES!

I'M A LESBIAN, YOU'RE A LESBIAN, WE'RE LESBIANS. LESBIAN TEACHERS, PRESENT!

Termisia Luiza Rocha[1]

Elenita Pinheiro De Queiroz Silva [2]

RESUMO
Este artigo visa descrever a vivência de um corpo lésbico docente, atuante no ensino superior privado no interior de Minas Gerais. Trata-se de uma escrita, na qual a protagonista é também autora da sua própria narrativa. Para tanto, foram utilizadas ferramentas articuladas ao conceito de Escrevivências, cunhado por Conceição Evaristo. A partir do pensamento lésbico, compreendendo a materialidade e a subjetividade desse corpo, evidenciou-se potenciais rupturas - por ser subversivo - a um sistema patriarcal machista, misógino e binário. Conclui-se que, ainda que singularizada pela existência individual, a escrita dessa experiência, traz questões sociais que coordenam saberes, fazeres e conhecimentos no campo da Educação. Assim, a existência de corpos lésbicos em diferentes espaços/tempo, combate a política de esquecimento desses corpos historicamente demonizados e silenciados, valorizando a produção de conhecimento a partir do olhar de si.
PALAVRAS-CHAVE: Docente Lésbica. Corpo Lésbico. Escrevivência. Ensino Superior.

RESUMEN
Este artículo tiene como objetivo describir la experiencia de una docente lesbiana que trabaja en la educación superior privada en el interior de Minas Gerais. Se trata de una obra escrita en la que la protagonista es también la autora de su propia narrativa. Para ello, se utilizaron herramientas articuladas con el concepto de "Experiencias de Escritura", acuñado por Conceição Evaristo. Desde una perspectiva lesbiana, al comprender la materialidad y la subjetividad de este cuerpo, se destacaron las posibles rupturas —debido a su naturaleza subversiva— con un sistema patriarcal, sexista,

[1] Mestre em Educação. Universidade de Uberaba (UNIUBE), Uberaba, Minas Gerais, Brasil.
[2] Doutora em Educação. Universidade de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

misógino y binario. Se concluye que, si bien singularizada por la existencia individual, la escritura de esta experiencia plantea cuestiones sociales que coordinan conocimientos, prácticas y entendimientos en el campo de la Educación. Así, la existencia de cuerpos lesbianas en diferentes espacios y tiempos combate las políticas de olvido de estos cuerpos históricamente demonizados y silenciados, valorando la producción de conocimiento desde una perspectiva propia.
PALABRAS-CLAVE: Docente lesbiana. Cuerpo lesbiano. Escritura desde la experiencia. Educación superior.

ABSTRACT
This article aims to describe the experience of a lesbian teaching body working in private higher education in the interior of Minas Gerais. It is a written work in which the protagonist is also the author of her own narrative. To this end, autoethnographic tools articulated with the concept of "Writing-Experiences," coined by Conceição Evaristo, were used. From a lesbian perspective, understanding the materiality and subjectivity of this body, potential ruptures—due to its subversive nature—to a patriarchal, sexist, misogynistic, and binary system were highlighted. It is concluded that, although singularized by individual existence, the writing of this experience raises social issues that coordinate knowledge, practices, and understandings in the field of Education. Thus, the existence of lesbian bodies in different spaces/times combats the politics of forgetting these historically demonized and silenced bodies, valuing the production of knowledge from a self-perspective.

KEYWORDS: Lesbian Teacher. Lesbian Body. Writing from experience. Higher Education.

***

Introdução

> [...] a academia não é o paraíso, mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula com todas as suas limitações continua sendo ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, exigir de nós e de nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permite encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginemos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade. (bell Hook, 2023, p. 273).

Habitar a escola, a faculdade, a universidade e outros espaços com corpos lésbicos nos faz pensar em maneiras diferentes de conduzir, criar e (re)construir os processos de ensino-aprendizagem. É, portanto, nesse sentido, que esse trabalho escrito por uma

professora lésbica[3], orientado por uma docente pesquisadora na área de gênero, sexualidade e educação, busca trilhar caminhos até então pouco explorados, convidando escritoras/es e leitoras/es a olhar e perceber a pujança do/no protagonismo transformador que pode ser a presença de docentes lésbicas em espaços educativos.

E ainda que não haja pretensões românticas na/para escrita proposta na construção desse texto, é preciso situá-lo afirmando que ele flui de uma perspectiva de compreensão da minha docência lésbica, portanto, de mim, para o alcance e compreensão de outras, semelhantes a mim.

Assim, posicionadas, ressalto que esse trabalho é também fruto de desmembramentos de uma pesquisa de doutorado acadêmico em andamento, cujo objetivo central é mapear e registrar sentimentos, afetos que modificam (ou não) o direcionamento de ações, atitudes e posicionamentos (devires) de professoras e professores de Biologia, frente a presença de mulheres e meninas lésbicas, na escola e na sala de aula no ensino médio.

Coloco-me enquanto objeto de pesquisa acreditando que a presença de lésbicas na docência, para além de contrapor a invisibilidade, apreendida como lesbofobia[4], por si só justificaria esse estudo. No entanto, suspeitando que o compartilhamento da professora sobre si constrói relações de cumplicidade e confiança com estudantes, e dessa forma vir a contribuir para a promoção de uma educação que valoriza a diversidade e questiona as normas estabelecidas, é nosso interesse escrever sobre as vivências de uma docente lésbica e saber como sua lesbianidade se reflete em ação, no espaço/tempo da sala de aula.

Nessa perspectiva, esse texto visa explorar a presença do corpo lésbico enquanto figura docente no contexto do ensino superior em uma instituição pertencente a rede privada de educação, no interior de Minas Gerais, e apresentar potencialidades da inserção de mulheres lésbicas na educação.

Dessa forma, são tecidas algumas considerações a partir da compreensão de que experiências, ainda que singularizadas pela individualidade, são questões sociais que

[3] Interessante posicionamento foi assumido por Zuleide Silva ao escrever que ela se tornou lésbica amando e sendo sexualmente amada por mulheres, descobrindo, em cada beijo na boca, em cada abraço, em cada gozo, as delícias do amor entre iguais. “Mas só me tornei sapatão na militância política, no alargamento da minha consciência lésbica, me tornando um ser político, consciente do meu lugar no mundo” (Zuleide Silva, 2016, p. 3).

[4] A Lesbofobia pode ser descrita como a discriminação e o preconceito constituídos como violências, sejam de ordem moral, física, psicológica ou sexual, direcionadas a mulheres que na sociedade brasileira se compreendem ou são lidas como lésbicas e/ou sapatão (Maria Dias; Suane Soares; Milena Peres, 2018).

coordenam saberes e fazeres no campo da educação, portanto, passíveis de causar rupturas em processos que teimam por invisibilizar corpos que escapam às normas, ou seja, pessoa cisgênera[5] e heterossexual (Adriene Rich, 2012).

Eu lésbica, tu lésbicas, nós lésbicas

Apesar de ser uma mulher lésbica e branca[6], ter nascido às vésperas da década de 1980 e vivido minha adolescência nos anos 1990/2000, em um contexto no qual as lutas dos movimentos lésbicos[7] permitiam, em geral, que fosse viável ser sapatão de uma maneira menos dolente/perigosa, ainda assim, reiteradas vezes, tentei não o ser. Embora exista formas diversas de ser ou identificar-se como lésbica, nem sempre é fácil.

O fato é que, ao mesmo tempo em que logo percebemos – nós, as lésbicas – que se trata de uma realidade, demoramos a entender verdadeiramente o que isso significa para as nossas vidas, especialmente em sociedades, como a nossa, em que tudo aponta para um ideal do que é ser "normal" e adotando essa concepção como lema, autoriza ataques a corpos desviantes (lésbicas, gays, transexuais, bissexuais, intersexo, etc).

Nascer para os desejos sexuais na minha vida foi mais uma naturalidade, afinal, como salienta Berenice Bento (2011), a capacidade performática de se fazer menino e menina se produz com base em masculinidades e feminilidades condicionadas ao órgão genital. Na escola me interessava por meninos, namorava meninos e entendia tudo com muita naturalidade, haja vista a criação heteronormativa[8], apesar de já naquele tempo,

[5] O conceito foi cunhado por pesquisadoras transfeministas como forma de nomear as pessoas que se identificam com o gênero designado ao nascimento. Para mais informações: https://www.diversidadesexual.com.br/wpcontent/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf

[6] Em estudo feito por Mariana Rocha (2021) a questão da cor branca e do conceito de branquitude aponta para a racialização da identidade branca, que "pressupõe uma autopercepção de si e de sua cultura (europeia) como representantes da universalidade humana" (Mariana Rocha, 2021).

[7] Para saber mais leia a tese de Zuleide Silva (2016), Sapatão não é bagunça. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/24026/1/TESE%20SAPAT%C3%83O%20N%C3%83O%20%C3%89%20BAGUN%C3%87A.pdf

[8] Conceito que afirma que somente relacionamentos heterossexuais (entre pessoas de sexos opostos) são normais ou corretos. Por heteronormatividade, entende-se a reprodução de práticas e códigos heterossexuais, sustentada pelo casamento monogâmico, amor romântico, fidelidade conjugal, constituição de família (esquema pai-mãe-filho(a)(s)). Na esteira das implicações da aludida palavra, tem-se o heterossexismo compulsório, sendo que, por esse último termo, entende-se o imperativo inquestionado e inquestionável por parte de todos os membros da sociedade com o intuito de reforçar ou dar legitimidade às práticas heterossexuais (David Foster, 2001, p. 19).

perceber diferenças de comportamento relacionados à forma como eu entendia amizade e afeto entre mim e minhas amigas.

A escola, nesse período, mostrou ser um lócus de aproximações e trocas de afetos que, naquele momento, me eram estranhas, mas hoje compreendo como as primeiras permissões ao desejo por meninas.

Ao buscar em minha própria história de vida, memórias destes tempos, vasculho as minúcias, procuro detalhes que pudessem reverberar referências positivas de mulheres lésbicas/sapatão, todavia, é em vão. Talvez por isso, no período que antecedeu a adolescência, desejei em meu interior, ser um dos personagens de Antoine Sain-Exupéry. A imagem que idolatrava, era algo bem próxima do Pequeno Príncipe[9], mas com olhos verdes. Olho azul nunca almejei, mas entendo o fascínio que exerce nas pessoas pelas imagens de beleza impostas pela cultura eurocêntrica[10]. Encanta-me a inconformação do principezinho. Tal posicionamento pode ser resumido por uma frase da escritora espanhola Dulce Chacón (2015, on-line), para a qual ouso fazer uma emenda: "acostumar-se [com tudo, sempre,] é outra forma de morrer".

Mesmo adulta, e já ciente de minha condição de mulher lésbica, quase tudo o que eu conhecia e ouvia sobre lésbicas/sapatão, chegava até mim de forma pejorativa, desde as imagens até as palavras que denominam, hoje, quem eu sou. Vivi uma constante vigilância sobre o meu próprio corpo, na tentativa de reduzir a atenção dirigida a mim e assim, evitar situações desagradáveis e/ou violentas. Paradoxalmente, evitando conversas, respostas e denominações, fui tensionando o desejo por habitar o não lugar[11], algum planeta diferente do meu próprio asteroide B-612.

Ao completar a maioridade, derrama de mim a vontade de viver uma vida com gozo e alegrias. Então, corto pela última vez meus baobás, rego minha rosa e sigo, convicta de que não seria eu mesma uma agente de vigília e fiscalização sobre meu corpo e meus desejos. Daí em diante, a audácia brotou feito planta trepadeira, munida da coragem necessária para verbalizar que lésbicas têm muito a oferecer, que podem contribuir com a produção de conhecimento em diferentes áreas, inclusive na academia.

[9] O livro foi lançado em 1943.

[10] O eurocentrismo é uma perspectiva ideológica e histórica que posiciona a Europa e sua cultura como o centro, referência e modelo superior de civilização, desenvolvimento e história mundial.

[11] Nossa referência para o "não lugar" é baseada no trabalho de Glau Casanova (2024) que o definiu como um lugar que não é pautado na fixidez e absolutismo das identidades de sexo e gênero.

Amadurecida, compartilhei dos desejos de Merida, do filme Valente (2012). Ao questionar a dualidade entre o normatismo tradicional/conservador (que circunscreve formas de se proceder em especial o papel da mulher na sociedade) e um pensamento com vistas à emancipação feminina, ela trouxe à vida um arquétipo feminino que fugia ao comumente apresentado e reforçado pela mídia, principalmente na/pela indústria cinematográfica.

Incompreendida e julgada, Merida não se conforma e luta para garantir direito ao seu corpo e aos desejos. Rompe com o imposto/determinado. Um posicionamento inspirador a meninas/mulheres, especialmente aquelas que não se submetem a modelos determinados para seus corpos e suas relações – sejam eles de que natureza for. Infundida, percebi que eu poderia escancarar portas/textos ao pesquisar e escrever sobre/com vivências lésbicas docentes. Se elas já existem, irei me juntar a elas, se são poucas, nos somaremos, de qualquer maneira, escolho estar junto.

Entender e abraçar meu lugar de mulher lésbica se deu quando me permiti ser eu mesma e comecei a conhecer outras mulheres como eu; me fortaleci quando percebi que essa experiência é coletiva, que as sensações descritas por mim são compartilhadas, de formas diferentes, por muitas e muitas mulheres que vivem suas lesbianidades. Mas foram as incursões no Doutorado acadêmico em educação, que me facultaram ler e conhecer experiências e pensares de outras mulheres lésbicas docentes[12].

Importa dizer que em minha trajetória como professora, atuando principalmente no curso de licenciatura em Pedagogia, continuo me deparando com discursos sobre gênero e sexualidade marcados por falas preconceituosas, em sua maioria homofóbicas. Isso reforça algo que, por experiência, eu já acreditava, que o cotidiano de pessoas que escapam a cis-heteronormatividade é atravessado por diversas formas de fobias, e todas as fobias têm uma coisa em comum, corpos carregados de significados como alvo de violência; significados estes que foram construídos ao longo do tempo em determinados contextos, por determinados agentes e intencionalmente direcionados.

Estar na docência parecia ser meu respiro, até me dar conta de que meu corpo sequer era considerado, nem mesmo para ser ofendido. Não podemos desconsiderar que

[12] Para saber mais leia "Mapeamento dos estudos sobre lésbicas: um olhar para a produção escrita de professoras lésbicas" de Jaqueline de Souza Santos e Zuleide Paiva da Silva (2021). As autoras realizaram uma relevante apuração da produção intelectual sobre lésbicas observando quem escreve e o que é escrito sobre professoras lésbicas.

lésbicas enfrentam diferentes obstáculos ao tentarem interagir com as outras pessoas em paisagens da sociedade contemporânea cisgênera. Eu, que no início do exercício da função docente evitava assuntos sobre família, casamento, namoro e afetos, passei a promovê-los em todas as oportunidades, unicamente para falar da minha família.

Nesses atravessamentos e andanças, Audre Lorde (2019, p. 50) me alertava: "Meus silêncios não me protegeram. Seu silêncio não vai proteger você. Mas a cada palavra verdadeira dita, a cada tentativa que fiz de falar as verdades das quais ainda estou em busca [...]", então escrevo esse texto-manifesto como forma de (re)agir ao silenciamento perverso que me foi imposto.

Não se enganem, quebrar o silêncio não anula meus medos, mas não posso deixar que eles me controlem a todo momento. O medo não abandonou Audre Lorde, "[...] porque a transformação do silêncio em linguagem e ação é um ato de revelação individual, algo que parece estar sempre carregado de perigo" (2019, p. 51). E não há nada mais perigoso que uma mulher que não se permite mais ser dominada e colonizada. Cabe a nós nos autodeterminarmos, bradar quem somos antes que alguém pense que tem o direito de nos nomear e decidir ter posse de nossa voz, nos silenciando[13].

Ademais, a narrativa que parte da minha vida e de minha experiência profissional, insere minha história no mundo, não para falar apenas de mim, mas como forma de ressoar formas de existência no – e a partir do – coletivo (Conceição Evaristo, 2020). Nessa perspectiva, afirmo que a coletividade também faz parte da experiência lésbica, por outro lado, ao mesmo tempo em que não há homogeneidade nas relações e nos sofrimentos imputados às mulheres, às mulheres lésbicas e/ou às mulheres lésbicas docentes, existem recortes e especificidades dentro de cada contexto social, bem como diferenças marcadas por questões étnico-raciais, sociais, de localidade, geracionais, religiosas, entre outras, dentro de uma mesma população.

Ainda, que seja inegável a afirmação de que essas experiências são regularmente atravessadas pela dor e pelo sofrimento, existe pujança. Ocupar o espaço de docente, e ao mesmo tempo habitar um "não lugar" que a lesbianidade permite habitar, pode ser fermento para olhares que buscam capturar pistas do que torna nossos corpos inteligíveis ou ininteligíveis por parte desses sujeitos que nos cercam diariamente.

[13] Audre Lorde (2019, p. 54) ao tratar sobre sobre(vivência), deixa um lembrete: "Fomos socializadas a respeitar mais o medo do que nossas necessidades de linguagem e significação, e enquanto esperarmos em silencio pelo luxo supremo do destemor, o peso desse silêncio nos sufocará".

Nessa perspectiva, importa nos desprender dos moldes impostos, da culpa, do medo, da negação, do pensamento heterossexual universalizante, das inúmeras formas de submissão, entender e abraçar nossos próprios movimentos, além de gingar com as nossas em continuidade e horizontalidade para não cairmos no abismo do "[...] isolamento, ódio pessoal, colapso, alcoolismo, suicídio e violência entre mulheres" (Adrienne Rich, 2012, p. 36).

Não é possível me despir de minha lesbianidade ao entrar em sala de aula, e em nenhum outro espaço, por isso, acesso qualquer ambiente com a completude do meu corpo. A partir da noção de que um corpo sempre irá ocupar uma posição ao olhar dos outros, nego o que me foi atribuído como norma. Sou uma mulher lésbica e professora, é assim que existo. Me afirmo e abro caminho para estudantes e docentes repensarem o lugar que estão ou que não estão ocupando. Convido-os para acessar os não lugares, espaços nos quais todas as vidas podem ser vividas. O não lugar também é onde aqueles e aquelas que desviam da norma dominante podem se sentir acolhidos, é onde habitam novas possibilidades de ser e existir (Glau Casanova, 2024).

Navegando entre os 15 anos que exerço a função de professora em um curso de licenciatura em Pedagogia, descrevo duas situações, uma do ano de 2013 e outra recente. Na primeira, apenas dois anos após meu ingresso na instituição, eu ainda me via carregando receios significativos e evitava falar de minha lesbianidade, temendo especialmente ser demitida. Essa situação era favorecida pelo fato de que ninguém se atrevia a perguntar sobre minha vida pessoal.

Até que em uma bela quinta-feira de maio, as lésbicas foram chamadas à vida. Antes daquele dia, naquele espaço acadêmico, não se tinha notícias de mulheres demonstrando afeto umas pelas outras, nem pelos corredores, ou mesmo nas salas de aula. Eu não havia percebido nenhuma outra lésbica, seja professora ou aluna. Suspeito que elas existiam secretamente, o que, é claro, dificultava seu reconhecimento.

Mas, duas estudantes romperam com as regras e aviltaram aquele ambiente heteronormativo. Nos bancos que circundavam as salas de aula, nos quais comumente se via rapazes e moças entre beijos e abraços, surgiu dois corpos de mulheres se beijando. Um beijo tímido, sem grandes movimentos. Ainda assim, um comitê de crise foi acionado pelos moralistas de plantão. Pessoas abandonaram a fila da cantina, deixaram de ir ao banheiro, tudo para ver as meninas com os lábios grudados, ao lado de homens e mulheres que faziam exatamente o mesmo.

Rapidamente chega o coordenador do curso, que ligeiramente se aproximou das estudantes e pediu que elas o acompanhassem. O espetáculo acabara, mas os comentários, risadinhas e escárnio seguiram. Ao me dirigir para ministrar aulas nos horários seguintes, fui informada do ocorrido. Em sala de aula foi impossível desviar do assunto. Uma das envolvidas na situação era minha aluna. Decorridos longos 30 minutos a aluna chamada à coordenação retorna, rosto vermelho, denotando que havia chorado e compartilhou conosco sua suspensão por dois dias, conforme preconizava o regimento.

Não me contive, fui estar com o coordenador. Solicitei acesso ao regimento, ponderei acerca da necessária parcimônia, afinal, todos os dias, rapazes e moças permaneciam nos bancos entre carícias, beijos e abraços. E que o fato de serem duas mulheres, ambas maiores de 18 anos, não poderiam receber tratamento diferenciado. Foi meu primeiro ato de proteção a alguém como eu. Não me submeti aos argumentos apresentados de que a situação incomodou as/os estudantes. Sugeri uma análise moderada sobre a situação e me dispus a realizar conversas com as/os incomodados/as sobre a diversidade das identidades e subjetividades.

O fato é que nenhuma das alunas foi de fato suspensa. Uma delas abandonou a faculdade, dias depois, eu não soube se por opção ou imposição. A minha aluna, ainda jovem, continuou beijando bocas de meninas, de meninos. E eu continuei minha docência lésbica, decidida a nunca mais perder uma oportunidade de dizer quem eu sou, quem somos e do que somos capazes.

A outra situação se deu 1 mês do início do semestre letivo, em uma turma de 1º período, com ingressantes no curso. Era minha 3ª aula, ainda não havíamos retomado o estudo de conceitos pertinentes à política nacional inclusiva, nosso tema na ocasião, quando uma aluna me interpelou perguntando se era verdade o que diziam sobre mim. Olhei diretamente para ela, e respondi que possivelmente, mas que, para que ela tivesse certeza, deveria ela mesma me perguntar. E como quem anseia pela continuidade do assunto, permaneci em silêncio por alguns segundos.

A aluna olhou para as colegas mais próximas e como quem busca por coragem pergunta, “você tem esposa?”. Sorri, porque a entonação usada me lembrava questões particulares, cômicas e respondi que “sim”. Parecendo aliviada ela continuou “eu sabia que ela não iria mentir”. Então, comtemplei o grupo de estudantes e, sentindo o silêncio instaurado no ambiente, complementei a resposta anterior e adicionei a informação de

que me relaciono há décadas com uma mulher, meu amor sapatão, e que juntas temos um amado filho.

Deixei que absorvessem o quadro que descrevi e respondi com atenção e boa vontade a todos os questionamentos envolvendo detalhes da minha existência. Me lembrei que há 17 anos atrás, ao protocolar o documento comprovatório de minha união estável com uma mulher, no órgão público estadual no qual trabalho, a sensação não foi tão boa. A diretora da unidade deu detalhes do documento no local destinado ao café, quando havia a maioria das/dos servidoras/es.

O problema não foi socializar dados de acordos financeiros ou econômicos, mas sim, trazer aspectos íntimos de maneira pejorativa e desrespeitosa. Mas, retomando a turma de Pedagogia, respondi aos questionamentos que seguiram sobre ela ser da mesma cidade, se houve casamento, se o nosso filho foi gestado por alguma de nós, se já tive relações heterossexuais.

Não fosse minha abertura e tranquilidade para falar sobre minha lesbianidade, característica que me faz quem sou, dificilmente eu teria presenciado a cena que se seguiu ao bombardeio de perguntas. A aluna que questionou inicialmente, verte um choro copioso, sofrido. Ela foi amparada por outras duas colegas de turma. Nem eu e nem o restante das estudantes entendia ao certo o que estava acontecendo. Depois de passados alguns minutos, a aluna ainda com a voz embargada disse que perguntou sobre minha sexualidade com o objetivo de me testar, que sabia que eu era lésbica, que todo mundo na faculdade falava isso, mas que ela queria me provocar para perceber se eu tinha ou não coragem de dizer na sala de aula.

Eu agradeci a ela a oportunidade respeitosa de compartilhar com a turma partes de mim e da minha vida pessoal, das quais me orgulho e me fazem exaltar quem sou. Nesse instante, algo inesperado aconteceu. Claro que nos 15 anos de docência, já tive estudantes que se expressaram como lésbicas, outros como gays, mas o que ocorreu em seguida foi simbólico para mim. A aluna disse que se sentiu representada me vendo na faculdade. Afirmou que admirava as pessoas que se permitem viver do jeito que realmente são e que se eu não negasse minha lesbianidade que ela assumiria a dela também. E de pé, olhando para todas as estudantes da sala ela disse a frase: Eu sou lésbica, tu és lésbica...nós duas somos lésbicas.

De minha parte, bradei: Professora lésbica, presente! Percebi ali que compartilhar com as/os estudantes quem eu sou, para além da figura de professora, me aproxima

delas/es, traz afeto, gera cumplicidade. Ao falar sobre sua sexualidade, para mim e para as colegas de turma, a estudante demonstrou confiar em mim e no ambiente que criamos na sala de aula e isso a tranquilizou para compartilhar particularidades sobre si e existir de uma maneira semelhante à minha, com coragem para ser quem de fato ela é.

Apesar de não negar minha existência e nem minhas relações afetivo/sexuais, nessa situação o interessante é que partiu da estudante a abordagem sobre o tema, não foi imposto por mim, mas solicitado pela aluna. Olho para essa situação e me vejo naquela aluna, e, ainda que desde a adolescência tenha me percebido lésbica, só tive coragem de dizê-lo quando já estava fora da escola.

Suspeito que isso se deve ao fato de que, na época em que eu frequentava a escola, não só existia uma fortaleza intransponível entre docentes e discentes, como também parecia haver uma prerrogativa das/dos primeiros para fiscalizar e controlar a sexualidade (Michel Foucault, 2007) das/os estudantes, garantindo que todas/os se "mantivessem" dentro da normalidade.

O ocorrido me aqueceu internamente, visto que contribuiu para que a aluna se percebesse em um espaço acolhedor no qual ela se sentiu segura para se expressar. Por isso, me emocionei ao assistir a maior parte das alunas dessa turma irem abraçá-la, acalentando o seu choro e enxugando suas lágrimas.

Penso em quantas outras estudantes nunca se reconheceram ou verbalizaram sua lesbianidade por conta da regulação de seus desejos e interesses por parte de pessoas de referência ao seu redor, mães, pais, professoras/es, etc.

As implicações sociais em torno das lésbicas aludem em condições de estigmas, exclusões e invisibilidades, que determinam o lugar que elas ocupam na sociedade e nas instituições sociais. Embora a docência seja uma profissão composta historicamente por mulheres, é também no ambiente escolar que as lésbicas têm suas identidades negadas e forjadas.

A escola ainda é um espaço que normaliza as condutas de repressão e violência com as pessoas que não exercem os padrões de gênero e sexualidade norteados pela heterossexualidade.

Procedimentos Metodológicos

A escrita de minha vivência, encontra colo no conceito de escrevivência[14] cunhado por Conceição Evaristo (2020, p. 35) como sendo "uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida". Essa aposta pede algo mais, anseia por modos de relacionar-se com e não sobre um tema, objeto, sujeito.

O colocar-se enquanto objeto de pesquisa fez desse texto um alinhavo na costura das colchas de vidas outras que resistiram e ainda resistem, apesar do olhar violento e dominador enraizado, que me nos foi ensinado e imposto. "Fomos socializadas a respeitar mais o medo do que nossas necessidades de linguagem e significação, e enquanto esperarmos em silêncio pelo luxo supremo do destemor, o peso desse silêncio nos sufocará" (Audre Lorde, 2019, p. 54).

Considerações Finais

Ser uma mulher lésbica atuando como professora do/no ensino superior, me trouxe diversas experiências acerca do entendimento de gênero e sexualidade por parte de estudantes de graduação. Nesse viés, as linhas anotadas nesse trabalho, provocam-nos a pensar que, para além de existirem nesses espaços, as professoras lésbicas podem, devem e estão contestando todos os óbices heteronormativos no âmbito da educação, seja ela pública ou privada.

A singularidade da trajetória expressa que não existe um lugar tampouco um modelo fixo da mulher docente lésbica, do mesmo modo que não existe uma única forma de docência. Embora tenha havido obstáculos e preconceitos enfrentados na docência no ensino superior, permanecemos acreditando que continuar ocupando esses espaços e produzindo ações, contribui para as mudanças em prol da construção de uma educação sem discriminação.

[14] Conceito teórico e literário criado por Conceição Evaristo, diz de uma escrita que nasce no cotidiano, das experiências de vida entrelaçada a ficção. Para a autora trata-se de "uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida". (Conceição Evaristo, 2020, p. 35).

O acreditar não é, nem de longe, uma visão romantizada da docência lésbica, que ignora os limites e as fragilidades da educação no contexto atual da sociedade brasileira, mas se mostra como um modo de colocar no âmago da pesquisa suas possibilidades vividas, não deixando de destacar as barreiras criadas para que suas práticas não sejam efetivadas.

A condição docente nos cobra e pode impulsionar a busca por arquiteturas de espaços/tempos nos quais é possível dar lugar para o meu e para tantos outros corpos lésbicos/sapatão. Escrever na perspectiva das lesbianidades é estar em contato com planos de experiência que requerem/demandam formas de entrada do corpo lésbico/sapatão da pesquisadora em cena.

É assumir e legitimar uma escrita de si marcada pelas experiências do/no corpo que estão/são cravadas nas memórias, lembranças, sensações, no pensamento, no medo e nos afetos.

É um convite para novos olhares e pensares sobre ser mulher, ser professora e ser uma mulher lésbica professora. É criar e recriar, diariamente, novos modos de ser e estar no mundo e na docência.

É nesse movimento que a identidade profissional docente é constituída. É nesse mundo que habito com meu corpo lésbico/sapatão.

Viva nosso corpo lésbico docente. Viva as lesbianidades. Viva!

Referências

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549 – 559, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/DMNhmpzNbKWgH8zbgQhLQks/abstract/?lang=pt, Acesso em 24 de abril de 2026.

CHACÓN, Dulce. La voz dormida. Madrid: Punto de Lectura, 2015.

DOSSIÊ SOBRE LESBOCÍDIO NO BRASIL: de 2014 a 2017. Maria DIAS; Suane SOARES; Milena PERES, 2018. Disponível em: https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/fontes-e-pesquisas/wp-content/uploads/sites/3/2018/04/Dossi%C3%AA-sobre-lesboc%C3%ADdio-no-Brasil.pdf , Acesso em 30 de abril de 2026.

EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46. Disponível em:

https://presencial.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/404636/mod_resource/content/1/EVARISTO%20A%20escrevivencia%20e%20seus%20subtextos.pdf , Acesso em 30 de abril de 2026.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1226/foucault_historiadasexualidade.pdf, Acesso em 28 de abril de 2026.

FOSTER, David W. Consideraciones sobre el estudio de la heteronormatividade en la literatura latinoamericana. Letras: literatura e autoritarismo, Santa Maria, n. 22, jan./jun. 2001.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/sele%C3%A7%C3%A3o_2020.1/hooks_-_Ensinando_a_transgredir.pdf , Acesso em 30 de abril de 2026.

LORDE, Audre. A transformação do silêncio em linguagem e em ação. In: LORDE, Audre. Irmã outsider. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 49-54. Disponível em: https://ulfa.org.br/wp-content/uploads/2022/09/A-Transformac%CC%A7a%CC%83o-do-Sile%CC%82ncio-em-Linguagem-e-Ac%CC%A7a%CC%83o-Audre-Lorde-.pdf, Acesso em 27 de abril de 2026.

CASANOVA, Glau Marques Xavier. Pedagogia do não lugar: ficcionando narrativas de um professor não binário na educação básica . Diversidade e Educação, *[S. l.]*, v. 12, n. n. 2, p. 997–1018, 2025. DOI: 10.14295/de.v12i2.17998. Disponível em: https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/17998, Acesso em 30 de abril de 2026.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Bagoas – Estudos gays: gêneros e sexualidades, Rio Grande do Norte, v. 4, n. 05, 2012. p. 17-44. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309, Acesso em 30 de abril de 2026.

ROCHA, Mariana Machado. O potencial do conceito de branquitude para uma análise das narrativas históricas sobre a fundação da Universidade de São Paulo. Revista da ABPN, Curitiba, v. 13, n. 37, p. 107-122, jun./ago. 2021. Disponível em: https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1265/1180, Acesso em: 30 de abril de 2026.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. O Pequeno Príncipe. Tradução de Dom Marcos Barbosa.1. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2015.

SANTOS, Jaqueline de Souza; SILVA, Zuleide Paiva da. Mapeamento dos estudos sobre lésbicas: um olhar para a produção escrita de professoras lésbicas. Revista Multidisciplinar do Núcleo de Pesquisa e Extensão (RevNUPE), v. 1, n. 1, e202104, 2021(CC BY-NC-SA 4.0) e-ISSN 2763-6879. Disponível em: https://revistas.uneb.br/revnupe/article/view/12541/9181, Acesso em 28 de abril de 2026.

SILVA, Zuleide Paiva. Sapatão não é bagunça: estudo sobre as organizações lésbicas da Bahia. Tese [Doutorado em Difusão do Conhecimento], UFBA, IFBA, UNEB, UEFS, SENAI-CIMATEC, LNCC, Salvador, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/24026/1/TESE%20SAPAT%C3%83O%20N%C3%83O%20%C3%89%20BAGUN%C3%87A.pdf, Acesso em 28 de abril de 2026.

VALENTE (Brave). Direção: Mark Andrews e Brenda Chapman. Produção: Katherine Sarafian. Pixar Animation Studios, 2012. 93 min, cor.

Recebido em abril de 2026.
Aprovado em julho de 2026.